



A última homilia de D. Constantino



Meus amigos!

Não há dúvida que o momento é de recordação... e saudades, mas sobretudo, um momento de ação de graças, conforme está lá escrito na placa. ("... e a experiência da vida nos trouxe de volta, para agradecer). Ação de graças pelos benefícios todos que nós todos, superiores, professores e alunos e familiares - agora de ex-alunos - que recebemos de Deus, por meio do Coração Imaculado de Maria.

Eu estava pensando: Nossa Senhora... Ela é não apenas uma protetora, nossa intercessora junto de seu Divino Filho, mas é também um modelo, um exemplo de pessoa que realizou a sua missão. Eu chamaria Nossa Senhora A Primeira Missionária, que nos deu e anunciou seu Divino Filho, Nosso Salvador, Redentor, Jesus Cristo. E Nossa Senhora cumpriu a sua missão; disse 'sim!' ao pedido de Deus; é uma vocação que ela recebeu... disse 'sim!'.

Tudo isso faz com que a gente pense um pouco: todos nós recebemos uma missão! Todos nós devemos ser missionários! Por isso mesmo que nós tivemos a graça de passar um ano, dois anos, cinco anos ou mais no Seminário, para fundamentar, solidificar a nossa fé, a nossa vida de cristãos, de batizados e de filhos de Deus. E a nossa vocação... cada um de nós tem um carisma, cada um de nós recebeu uma inspiração do alto para realizar, nisto ou naquilo, esse destino missionário de anunciar Jesus Cristo como fator da nossa vida.

Nosso testemunho, o nosso comportamento, o nosso modo de ser; os critérios de valores que vamos assumindo, segundo o Evangelho, eles golpeiam o forte trâmite, bloqueando, na medida do possível, os valores falsos, os pseudovalores de critérios que o mundo nos oferece. Eis a nossa missão de bispos, de padres, de leigos, conscientes de sua obrigação, por termos sido despertados para isso; abriram seus corações naqueles momentos de infância e de juventude, quando passaram por aqui, e certamente solidificaram suas disposições, sendo fiéis a Nosso Senhor e a tudo aquilo que Jesus nos apresenta nos Santos Evangelhos.

E alegria!!! Alegria!!!

Vindo para cá, eu vi vários de meus ex-alunos sorrindo, abrindo a boca de alegria e mostrando os dentes. Eu achei bacana,

formidável! É isto mesmo! Porquê? Nós temos consciência de que estamos realizando uma missão, aquilo que Nosso Senhor pede de nós. Com muita alegria... com firmeza, também.

É isto, meus amigos! Que Nossa Senhora nos ajude a sermos fiéis, a reanimar, como disse muito bem o nosso amigo Alfredo Barbieri. Meus parabéns!

Peçamos a nossa Mãe do Céu que nos abençoe - ela que nos abençoou em nossa infância e juventude. Vamos colocar essa nossa nova disposição, esse novo ardor por seu Divino Filho, pela vivência de nossa fé; vamos colocar no Coração Imaculado de Maria, por que com ela temos certeza que conseguimos muito, muito mesmo para Nosso Senhor Jesus Cristo! Amém!



José Moreira de Souza*

PADRE CONSTANTINO E O TEATRO



Era o ano de 1955. Éramos também novatos em São Roque rodeados de anjos que zelavam para nos fazer compreender a ordem comunitária do Ibaté.

Dia 25 de março. Somos conduzidos à sessão solene cênico musical no salão do teatro. Era noite. O programa se abre com execução de “La Dame de Coeur” - ou coisa parecida. Muitos aplausos. Em seguida, as luzes se apagam e, da ribalta, um foco ora azul, ora vermelho, ora amarelo alterna a apresentação dos atores. O primeiro a aparecer iluminado é o *condotiere* Synésio Barbosa de Mello, capa azul, barba espessa, adaga segura à mão direita.



Feitas as apresentações dos atores, inicia-se a narrativa de o “Gondoleiro da Morte”. O drama se passa em Veneza. Há pajens e um palhaço representado pelo futuro padre João Batista. Nos entreatos, nossa *schola cantorum* entoia “Va Pensiero”. Fecha-se o pano e o diretor permanece oculto nos bastidores.

Assim será com “Os dois corcundas”, “O escorrego” até certo domingo de agosto, em que se celebrava o Dia da Família. Era data especial, seguida ao dia 22 de agosto. Os atores trajados a caráter em vestimentas alugadas na cidade de São Paulo puderam ser fotografados junto à escada de acesso aos fundos do teatro. Ali contemplamos Paulo Sebastião, Luiz Pedro, João Barizon,

Ramon Perez, José Luiz Brant, entre outros e o Padre Constantino Amstalden. Era a vez de nos deliciarmos com o enredo de “El Safah, o sanguinário”! - Paulo Sebastião, El Safah, vê-se abandonado pelo seu fiel escudeiro, Zuel Mesma: “Até tu, Zuel Mesma, me abandonaste?”

A Margarida apareceu.

Constantino permaneceu diretor do teatro, alternando comédias, dramas esquetes, até o ano de 1958. Ao longo dos anos, sempre atento às sessões literárias, incorporava ao teatro novos atores. Benedito Jorge Filho, Clóvis Baroni, Élcio Quaglio, Jurandyr Amadi, Alberto Pimenta Júnior, Walter Barelli, Sebastião Reghin, Waldemar Waldyr de Faria, Paulo Acácio Martins, Ricardo Martins Paiva, Luiz Antônio Hardt. Sua presença somente era registrada em fotografias do dia da Família. “Dinheiro sangrento” exibido em agosto de 1956 - “Quinhentas mil piastras! Eu as quero, eu as tenho”, vociferava João Barizon, o judeu.

“Cavaleiro Negro” brilhou no ano de 1957 e “Sede de Império” empolgou os pais em 1958. O ciclo do diretor Constantino se encerrou em 1958 com brinde ao “Sede de Império” que retrata os “Idus sanguinosos” dos tempos de Tibério. Porém, a última peça sob sua direção, ainda no segundo semestre de 1958, tinha como título “Almas em tempestade”. Diferentemente das anteriores que nos convocavam a viajar no tempo e no espaço por Espanha, Roma, Veneza, Império Romano e Idade Média, “Almas em Tempestade”, juntamente com as comédias, se passa no Brasil. São tempos de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Há índios, gaúchos, missionários e febres palustres. “Os quirópteros sugadores de sangue voam sobre o acampamento com asas de vampiros celebrando orgias”.

“Quinino e ruibarbo, ruibarbo e quinino para acalmar a febre!” - remédios milagrosos!

Nessa peça, Alberto Pimenta Júnior era o missionário, Padre Felipe Valobra; e Paulo Acácio, o Gaúcho. Curiosamente, eram irmãos situados nas antípodas. O padre à procura de almas perdidas e o Gaúcho, a alma fugitiva.

O encontro dos irmãos anuncia tragédias:

Padre - "Que teme? Olhe-me de frente."

Gaúcho - "Nada temo. Eis, o que vê?"

Padre - "Eu vejo o abismo!"

Gaúcho - "Lance as redes e pesque. Há cadáveres no fundo".

- "Confessa, confessa, Gaúcho" - completou Joel Barbieri, companheiro de aventuras e de segredos.

Benedito Jorge Filho era o engenheiro de construção da estrada. Clóvis Baroni, o índio, Iko Kué. Lê o futuro como oráculo do presente:

"A noite trazer pela terra,
pelos mares, pela serra
Pequena Morte!"

Para mim, a lição eterna de Dom Constantino está em seu empenho como educador. Ficam duas marcas: o diretor de teatro e o criador do Concurso Literário.

Sala de aula seria apenas oportunidade de dar conta de saberes sistematizados. Aprende-se vivendo. A vida não se contém em dicionários de latim, grego e língua portuguesa ou manuais de cálculos algébricos. Nem mesmo no Regulamento sem intérpretes para cada situação. Viver é convite para o desempenho do melhor papel.

Desse modo, os atores ensaiavam ao longo de duas, três semanas, sob a presença atenta do Diretor. Impostação, gestos, tons eram acompanhados e repetidos à saciedade visando ao melhor desempenho. O objetivo eram os aplausos e não a nota de uma prova. Do mesmo modo, o concurso literário visava ao exercício da comunicação e a atenção à crítica. Saber formal sem extensão à vida é apenas psitacismo!

Constantino me pôs à prova. Ao assumir o ônus espinhoso de Reitor do Seminário do Ibaté, escolheu-me para "chefe do Palco" e, passado um semestre, designou-me primeiro prefeito da Recreação de São Domingos. Tornei-me "Cavaleiro da triste figura"!

Constantino Amstalden! Que nome de família é esse herdado da Helvetia louvada por Caio Júlio César? - "Galia est omnis divisa in partes tres". - Imagino *am stall den!* A sábia Wikipédia informa que *Stalden* é um pequeno povoado localizado na Suíça: "Stalden é uma comuna da Suíça, no Cantão Valais, com cerca de 1.229 habitantes". Tenho um amigo que se chama Franciscus Henricus Van der Poel. É holandês, conhecido por Frei Chico. Ele decifrou para mim o "van der Poel": Chico do Brejo! Com esta informação, interpreto: Constantino o Cavaleiro da Alegria!

Celebrar cem anos de vida de Dom Constantino é entoar glórias:

Vamos saudar Monsenhor,
Oldiria, oldiria, oldiria!
Caro amigo e bom reitor!
Oldiria, oldiria, oldiria!
Ol-di-a!

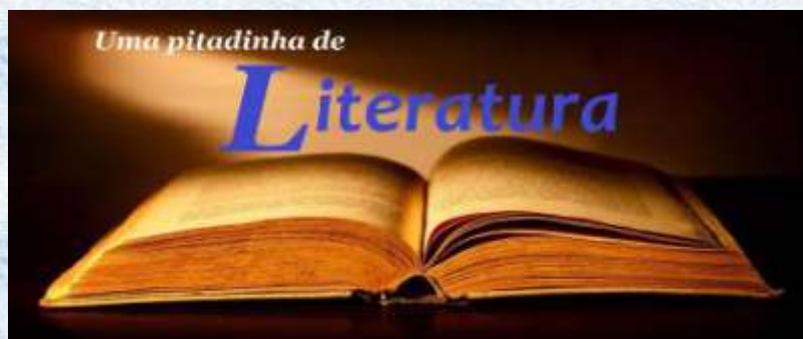


* **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA, 79**, (55-59) Sociólogo e escritor. Professor aposentado da UFMG. Atualmente dedica-se às letras e, há muitas décadas, ao Folclore (Membro da Comissão Mineira de Folclore), além de emérito conhecedor do espírito e da cachaça mineiros - 31-3386.1290 zedeflora@gmail.com

Para-choque do Caminhão do Ibaté

PLUS ÇA CHANGE,
PLUS C'EST LA
MÊME CHOSE !





Chillon



São duas brochuras pobrezinhas publicadas em Paris, 1922, papel jornal, páginas amareladas com início de oxidação, letras miúdas, impressão com falhas. Título: En Suisse - Impressions du Voyage; Alexandre Dumas, o autor, que se derrama em comentários, reflexões, divagações, relatos históricos, como a pungente legenda reproduzida a seguir que, mesmo solitário, senil e de vista curta ainda consegui ler.

Chillon foi antiga prisão dos duques de Saboia, e àquela altura (1832/1833, quando da narrativa de Dumas), arsenal do cantão de Vaud; construída em 1250 é recordada por ter aprisionado Bonnivard. Berthelier e Bonnivard foram dois nobres nacionalistas que... bem passo a palavra ao grande romancista francês: (Cláudio Giordano, 51/57)

"O primeiro [Berthelier] disse um dia que pela liberdade de seu país daria sua liberdade; o segundo [Bonnivard] replicou que daria a própria vida. Esse duplo compromisso foi ouvido, e quando os carrascos vieram cobrar a execução, encontraram ambos prontos a cumpri-lo. Berthelier marchou para o cadafalso. Bonnivard, transferido para Chillon, aí padeceu medonho cativo. Atado pelo meio do corpo a uma corrente cuja outra extremidade ia unir-se a um anel de ferro chumbado numa pilastra, assim ficou durante seis anos, não tendo de liberdade mais do que a extensão da corrente, impossibilitado de deitar-se a não ser onde ela lhe dava alcance, girando sempre como um animal à volta da pilastra, escavando o piso com passo forçosamente regular, atormentado pelo pensamento de que seu cativo talvez em nada ajudaria para a libertação de seu país, e que Genebra e ele estavam fadados a grilhões eternos.



Como, nessa longa noite que manhã nenhuma vinha interromper, cujo silêncio não era perturbado se não pelo ruído das ondas batendo nos muros da prisão, ó meu Deus! o pensamento não matou a matéria, ou a matéria não matou o pensamento? Como certa manhã o carcereiro não encontrou seu prisioneiro morto ou louco, quando uma só ideia, uma ideia eterna devia partir-lhe o coração e ressecar-lhe o cérebro? E durante esse tempo, durante seis anos, durante essa eternidade, nenhum grito, nenhum lamento - disseram os carcereiros -, exceto sem dúvida, quando o céu desencadeava a tormenta, quando a tempestade exaltava as ondas, quando a chuva e o vento fustigavam os muros: então sim, apenas vós, ó meu Deus, podíeis distinguir-lhe os gritos e lamentos; e os carcereiros, que não tinham zombado de seu desespero, encontravam-no ao dia seguinte calmo e resignado, porque a tempestade se havia então aplacado em seu coração, assim como na natureza. Oh! sem isso, sem isso não teria ele partido a cabeça contra a pilastra? Não se teria estrangulado com a corrente? Teria ele aguardado o dia em que entrariam eufóricos na prisão e cem vozes lhe diriam uníssonas:

- Bonnivard, estás livre!
- E Genebra?
- Livre!

Depois disso, a prisão do mártir tornou-se um templo e sua pilastra um altar. Todo aquele que tem um coração nobre e amante da liberdade desvia-se de sua rota e vem rezar onde ele sofreu. Deixa-se levar direto à coluna na qual ele ficou tanto tempo acorrentado; procura na superfície granítica, onde cada um quer inscrever o nome, as letras que nela ele gravou; curva-se sobre a laje escavada para aí encontrar a marca de seus passos; agarra-se ao anel a que ele esteve atado para comprovar se está ainda solidamente fixo com o cimento de oito séculos. Qualquer outro pensamento se desfaz diante deste: aqui ele ficou aguilhoado durante seis anos... seis anos; vale dizer, a nona parte da vida de um ser humano.

Num fim de dia de 1816, numa dessas belas noites que se diriam feitas por Deus apenas para a Suíça, um barco avançou silenciosamente, deixando atrás de si uma esteira iluminada pelos raios vacilantes da Lua: singrava em direção dos muros esbranquiçados do castelo de Chillon e alcançou a margem sem atropelo, silente, como um cisne que pousa; dele desceu um homem de tez pálida, olhos penetrantes, fronte desnuda e ativa; estava envolto em enorme manto negro que lhe alcançava os pés, e todavia percebia-se que mancava ligeiramente. Pediu para ver o calabouço de Bonnivard; lá permanece sozinho longo tempo, e quando se entrou depois dele no subterrâneo, viu-se, na própria pilastra em que estiver acorrentado o mártir, um novo nome: BYRON***.

[Inspirado em Bonnivard, Byron escreveu o longo poema *The Prisoner of Chillon*.]





Frei Betto*

Ética em Tempos de Pandemia



A pandemia causada pelo coronavírus veio nivelar a humanidade. E suscitar sérias questões éticas. Não faz distinção de classe, como a anemia e o raquitismo, que resultam da fome; ou de gênero, como as doenças da próstata.

Trata-se, agora, de enfrentar um inimigo invisível que exige urgente mobilização global para deter o seu avanço. E é em momentos de crise como este que as pessoas se revelam.

A questão ética fundamental que a pandemia levanta é quanto ao valor da vida humana. Para o capitalismo em si, tem valor zero, a menos que revestida de adereços com valor de mercado e robustecida por bens patrimoniais e financeiros. Prova disso é o descaso humano em nossas cidades, cujas calçadas se enchem de pessoas maltrapilhas que sobrevivem da caridade alheia. Não têm valor nenhum e, ao cruzar com elas, muitos evitam se aproximar, receiam o mau cheiro e o assédio.

Suponhamos que um deles ganhe uma fortuna na loteria e, pouco depois, apareça a bordo de um reluzente Mercedes Benz. Imediatamente passará a ter valor social e ser reverenciado pelo respeito e pela inveja de quem o observa. Portanto, eis o patamar antiético ao qual o sistema capitalista nos conduz: valem pelo que portamos e não pelo simples fato de sermos humanos.



Agora, **o espectro da morte nos nivela**. A devastação letal provocada ocupa praticamente todo o noticiário. Somos todos obrigados a redimensionar nossos critérios, valores e hábitos. Até as nações mais ricas descobrem que o dinheiro não é suficiente para evitar a pandemia. Só a ciência é capaz de detê-la, mas andava muito ocupada em descobrir, nos laboratórios, como aumentar os lucros das empresas farmacêuticas, enquanto faltavam recursos para combater a fome e o aquecimento global.

A Itália nos mostrou como a pandemia coloca sérios dilemas éticos. Médicos e enfermeiros tiveram que optar entre um e outro paciente, devido à falta de recursos suficientes. E nossos parentes e amigos infectados devem padecer sozinhos

nos hospitais, sem que possamos consolá-los, exceto pelo celular, quando ainda não entraram no respiradouro.

Os falecidos, não temos direito de pranteá-los no velório e nem mesmo cumprir seus últimos desejos, como ser enterrados ou cremados com tal roupa ou símbolo religioso. Como se fossem anônimos, são descartados tal como ocorria na Idade Média com os infectados pela peste. Estão proibidos de rituais fúnebres. Assim, o Covid-19 rouba-lhes a dignidade. E nos apunhala ao nos obrigar a ficar afastados de quem somos mais próximos. É uma tríplice morte: a individual, do paciente; a familiar, dos ausentes; a social, causada pela interdição de velório, enterro e culto religioso.

Outra dimensão ética suscitada pela pandemia é o conflito entre **solidariedade** e **competitividade**. Todos conhecemos gestos meritórios de solidariedade visando a aplacar o nosso isolamento e favorecer o socorro às vítimas, como o da jovem do apartamento 404 que, todos os dias, prepara a refeição da idosa do 302, obrigada a dispensar a cozinheira; o empresário que distribui quentinhas aos moradores das ruas de sua vizinhança; o universitário que se apresentou como voluntário em um hospital disposto a carregar macas e limpar enfermos. Ou como o do bombeiro carioca Elielson dos Santos que, do topo da escada Magirus, oferece músicas com seu trompete a moradores do Rio.

Há que ressaltar também a solidariedade entre países que enviaram recursos a outros povos, especialmente Cuba, que deslocou centenas de médicos para reforçar o socorro na Itália, na Espanha, na França e em muitos outros países.

No entanto, falou mais alto a competitividade, valor supremo do capitalismo. O chinês Jack Ma, fundador da plataforma de vendas online Alibaba e um dos homens mais ricos do mundo, ofereceu gratuitamente kits de testes para diagnosticar Covid-19 e respiradores a 50 países, inclusive Cuba. Porém, a transportadora aérea era de bandeira

usamericana, e a Casa Branca, desprovida do mínimo senso humanitário, valeu-se do genocida bloqueio imposto à ilha do Caribe para impedir que a carga chegasse a seu destino.

Em nome de caprichos políticos, sacrifica-se a vida de nações. Algo semelhante ocorreu com o governo da Bahia, que comprou equipamentos da China no valor de R\$ 42 milhões. Ao passar de navio pelos EUA, a encomenda foi apropriada pelo governo da nação imperial.

As implicações éticas suscitadas pela pandemia se assemelham às de situações de guerra. O governo Bolsonaro, monitorado pelo FMI, havia aplicado ao Brasil rigoroso ajuste fiscal coroado pelo teto de gastos e os juros elevados. Desde a posse, alegava não ter dinheiro e precisar promover reformas, como a da Previdência, para poupar recursos.

Dinheiro nunca falta quando se trata de pagar os juros da dívida pública e saciar o voraz apetite dos bancos. Desde que assumiu o Ministério da Economia, Guedes transferiu para os bancos R\$ 433 bilhões, dinheiro do povo, sonogado da educação, da saúde, do saneamento etc. O que vale mais, o lucro dos bancos ou a vida de milhões de brasileiros?

O combate à pandemia exigiu medidas urgentes e, como por milagre, apareceram R\$ 1,3 trilhão! Recursos há, mas não vontade política de quem qualificou a pandemia de “gripezinha” e demonstrou não se importar com a morte em proporções geométricas.

Deixo à nossa reflexão o poema *Esperanza*, do cubano *Alexis Valdés*:

*Quando la tormenta pase
Y se amansen los caminos
y seamos sobrevivientes
de un naufragio colectivo.*

*Con el corazón lloroso
y el destino bendecido
nos sentiremos dichosos
tan sólo por estar vivos.*

*Y le daremos un abrazo
al primer desconocido
y alabaremos la suerte
de conservar un amigo.*

*Y entonces recordaremos
todo aquello que perdimos
y de una vez aprenderemos
todo lo que no aprendimos.*

*Ya no tendremos envidia
pues todos habrán sufrido.
Ya no tendremos desidia
Seremos más compasivos.*

*Valdrá más lo que es de todos
Que lo jamás conseguido
Seremos más generosos
Y mucho más comprometidos*

*Entenderemos lo frágil
que significa estar vivos
Sudaremos empatía
por quien está y quien se ha ido.*

*Extrañaremos al viejo
que pedía un peso en el mercado,
que no supimos su nombre
y siempre estuvo a tu lado.*

*Y quizás el viejo pobre
era tu Dios disfrazado.
Nunca preguntaste el nombre
porque estabas apurado.*

*Y todo será un milagro
y todo será un legado
y se respetará la vida,
la vida que hemos ganado.*

*Quando la tormenta pase
te pido Dios, apenado,
que nos devuelvas mejores,
como nos habías soñado.*



FREI *BETTO* (Carlos Alberto Libânio Christo, 75), mineiro de Belo Horizonte, é escritor e religioso dominicano. Recebeu vários prêmios por sua atuação em prol dos direitos humanos e a favor dos movimentos populares. Foi assessor especial da Presidência da República entre 2003 e 2004. "Hotel Brasil" é seu livro mais popular, além de "A Obra do Artista – uma visão holística do Universo", "Um homem chamado Jesus", "Batismo de Sangue", "A Mosca Azul", entre outros.



Por amor à vida,
use máscara e
não saia de casa.

Risco de contágio COVID-19

NUMA ESCALA DE 1 A 10 DE QUANTO É O RISCO DE PEGAR OU TRANSMITIR A DOENÇA.

CLASSIFICADA PELOS MÉDICOS DA FORÇA TAREFA TMA COVID-19 E DO COMITÊ TMA SOBRE DOENÇAS INFECCIOSAS.



Risco	Atividade
1	Abrir cartas do correio
2	Receber comida pra viagem
2	Jogar tênis
3	Ir ao supermercado
3	Caminhar, correr ou andar de bicicleta com outras pessoas
4	Se hospedar em hotel por 2 noites
4	Sala de espera de clínica médica
4	Biblioteca ou museus
4	Frequentar restaurante ao ar livre
4	Caminhar em ruas da cidade que seja movimentada
4	Parquinhos infantis
5	Receber pessoas pra jantar em casa
5	Receber amigos pra um churrasco em casa
5	Ir a praia
5	Ir ao Shopping
6	Mandar crianças pra escola ou creche
6	Trabalhar diariamente em escritórios de prédio
6	Nadar em piscina pública
6	Visitar idosos em suas casas
7	Salão de beleza ou barbearia
7	Restaurante com salão fechado
7	Frequentar casamento ou funeral
7	Viajar de avião
7	Jogar basquete
7	Jogar Futebol
7	Abraco ou apertos de mãos
8	Restaurante self-service/buffet
8	Academias de ginástica
8	Parque de diversões
8	Cinema
9	Concertos ou show
9	Estádio de futebol
9	Culto religioso com + de 20% da capacidade
9	Bares

BAIXO RISCO MODERADO BAIXO RISCO MODERADO MODERADO ALTO RISCO



-Se vais jogar, não duvide:
Sem máscara, eu não ia!
Mais fácil é pegar "covid"...
que ganhar na loteria!....

NA CASA DO PAI



Triste dia 06.07.2020 para todos nós. Aos 83 anos, faleceu o **PE. AURÉLIO VIEIRA DE MORAES**, um grande e muito piedoso sacerdote. Um homem fartamente rodeado de tantos amigos; não havia quem dele não gostasse, por sua simpatia, por sua humildade e por *saber ouvir* com maestria. Inspirava tanto a confiança das pessoas, que, quando já um padre emérito, dedicou-se inteiramente ao Sacramento da Confissão lá na Catedral de Santo Antônio em Osasco. Tivemos a honra de tê-lo a nosso lado no Ibaté por cinco anos, de 1949 a 1954. Deixa-nos todos órfãos de sua bondade e de seu coração generoso e amigo. Nasceu em Cotia-SP em primeiro de abril de 1937 e era filho do casal Rosa Augusta e Juvenal Vieira de Moraes. Ordenou-se diácono em 29.12.61 e presbítero em 25.03.1962, cuja cerimônia foi lá mesmo em nossa capela do Ibaté. As paróquias de São João Batista e da Sagrada Família da Vila Yara, da mesma Osasco, tiveram-no como pároco. Um homem de bem que já não mais está entre nós. O mundo sente a sua falta. Ele era muito querido. Aos familiares e pessoas mais próximas, desejamos que essa dor se transforme em saudade e serenidade e as acompanhamos com nosso carinho e nossas orações, em especial a sua irmã, Sra. Áurea, que dele cuidou por tantos anos e que também sempre esteve em sua companhia nos vários encontros bianuais lá no Seminário do Ibaté. *Requiescat in pace!*

Em seguida, uma mensagem de nosso Cônego:



Cón. Laerte Vieira da Cunha*

PE. AURÉLIO NA CASA DO PAI



Pe. Aurélio Vieira de Moraes nos deixou no último dia 6 de julho, Amadureceu para a eternidade através do sofrimento prolongado que suportou como verdadeiro mártir. Como disse São Paulo Apóstolo: **“Combateu o bom combate, terminou sua carreira, guardou a fé. Agora só lhe resta a coroa da justiça que o Senhor, justo juiz, lhe dará naquele dia”** (2Tim.4,7-8).



Pe. Aurélio era de origem humilde. Conheci seus pais e irmãos, nasceu em Cotia e sempre se referia com muito orgulho sobre o seu torrão natal. Ingressou no Seminário de Pirapora em 1948. Eu entrei no mesmo seminário em 1946, dois anos antes. Naquele tempo, Cotia era um celeiro vocacional. Quando Pirapora foi transferido para São Roque, eu continuava dois anos na sua frente, porém, por força de uma doença grave, não consegui terminar o segundo ano de Filosofia. Oito meses internado num sanatório em São José dos Campos, e mais alguns meses de restabelecimento no Seminário do Ibaté, para aproveitar o bom clima. Voltei em 1956 para retomar o segundo ano de Filosofia. Foi aí que Aurélio e eu nos encontramos na mesma turma de ordenação.

Pe. Aurélio foi ordenado no dia 25 de março de 1962, festa de Nossa Senhora da Anunciação, na capela do Seminário do Ibaté, onde eu, ordenado em 3 de dezembro de 1961, já era professor de várias matérias e responsável pelo Coral e pela Banda. Ensaiei todos os cantos dessa memorável ordenação. A festa continuou, depois, com festivo almoço, em Cotia.

A primeira provisão do Pe. Aurélio, *ordenatus ad servitium Arquidiocesis Sancti Pauli*, foi a de vigário paroquial, naquele tempo, coadjutor da Paróquia Nossa Senhora da Expectação, na Freguesia do Ó, onde era pároco o Cônego Noé Rodrigues, que antes fora professor no Ibaté. Dali, Pe. Aurélio foi para a Paróquia de Santo Antonio da Vila Ede, na Região Episcopal Santana, onde construiu a igreja paroquial, magnífica no seu aspecto arquitetônico.

Foi então que o destino nos colocou lado a lado, em duas paróquias iniciantes e vizinhas, ele na Vila Ede, e eu na Paróquia São Francisco Xavier, no Jardim Japão. Nesse período nos visitávamos com muita frequência.

Em seguida veio a divisão da Arquidiocese de São Paulo e, com a criação da Diocese de Osasco, estando já o Pe. Aurélio construindo a Igreja de São João Batista no Jardim Rochedalle, optou por incardinar-se nessa nova diocese. Em Osasco foi, também, formador do Seminário Maior, trabalhando ao lado de outro colega de turma, o Cônego Martin Segu.

Pe.Aurélio foi brilhante em tudo que fez para as Igrejas de São Paulo e Osasco. Inteligência privilegiada, teve o seu caráter sacerdotal muito bem acrisolado por uma formação humana e moral, recebida durante longos anos nos Seminários do Ibaté e Central do Ipiranga.

Dizia-se antigamente que o bom Padre deveria ter três “esses”: *saúde, sabedoria e santidade*. Na minha vivência de padre velho, quase 58 anos de ordenação, descobri que há lugar para um quarto “esse”, a *sociabilidade*, exigida sempre mais de todos os padres.

Pe.Aurélio era tudo isso. Viveu intensamente o sacerdócio. *A saudade dele está doendo em mim*, como já disse alguém. Pe.Aurélio, *memento nobis. Usque ad aeternitatem*.

(*) **LAERTE VIEIRA DA CUNHA**, Côn (49/52), 88a. - Ordenação Presbiteral em 03.12.1961. Pároco na Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus, Jaçanã, Região Episcopal de Santana - São Paulo-SP.

- **De João Francisco de Brito Ramalho (60/62)** - Padre Aurélio sempre presente aos nossos Encontros bianuais no Seminário de São Roque. E concelebrava nas Missas. Eu sempre o cumprimentava lá embaixo na confraternização, Achava bonito o seu comparecimento mesmo com as limitações da saúde. Ele demonstrava a bondade e resignação. Agora deu o seu ADSUM ao PAI. Concedei, SENHOR, o descanso eterno ao Padre Aurélio e que a Luz perpétua o ilumine. Descanse em paz! Amém. (Salvador-BA)

- **De José dos Santos (61/62)** - Transmita meus sentimentos à família do Padre Aurélio e a todos nós que estivemos no Ibaté. Que Deus lhe proporcione o conforto diante de tão dolorosa perda. (São Paulo-SP)

- **De José Jorge Peralta (58/59)** - Nossos sentimentos à Igreja. Perdeu um apóstolo! A nossa Comunidade Ibateana ganhou, no Céu, mais um protetor, diante do Pai. Mais um amigo perpétuo que não conhece mais a dor nem a desilusão. Lá ele está a celebrar o encontro com o Pai, a quem serviu com amor, com alegre Aleluia!. No Céu os Santos são todos cantores. (São Paulo-SP)

- **De Cláudio Romano Piazzon (66/69)** - Meus sentimentos a toda família do Padre Aurélio, com quem convivi na Região Episcopal de Osasco nos 6 anos em que estive em Carapicuíba. (São Paulo -SP)

- **De Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)** - Aurélio Vieira, meu contemporâneo no Ibaté. Sensibilizado, que Deus o tenha em sua glória. (Taubaté-SP)

- **De Édson Depólito (63/64)** - Guardemos a imagem dele bastante feliz, embora na cadeira de rodas, naquele último encontro no Ibaté. (S. Bernardo do Campo-SP)

- **De Paulo Francisco Toschi (49/53)** - Um santo sacerdote, um amigo muito querido. Deus o receberá em sua glória. Mais um santo para invocarmos e nos proteger. (São Paulo-SP)

- **De Herminio Bernarcosni (Ipiranga, 54/60)** - Padre Aurélio foi meu colega no Ipiranga de 1955 a 1960. Cara muito simples, ingênuo às vezes, calmo, nunca o vi irado. Deus o receba em sua misericórdia. Amém. *Oremus*. (Manaus-AM)

- **De Darci Cargnelutti (51/57)** - Ele estava muito debilitado, mas com toda força de vontade, participava dos nossos Encontros. Há tempos atrás, sempre que íamos na casa de meu filho em Osasco, íamos na missa na igreja da Vila Iara, onde ele era Pároco. (Itu-SP)

-- **Mensagens de pesar recebidas de outros colegas:** Dino Zanardo Filho, Paulo Nogueira de Freitas, Francesco Episcopo, Regiane Baroni, Jaime Pina da Silveira, Edgar Olavo Koga, Marcos Geraldo Guerra, Pe.Nasser Kehdy, Sigmar Malvezzi, Viriato Trancoso, Francisco Andrade, Paulo Ricardo Zuchelli, Oksana Dziura Boldo, José Armando Toledo, Getulino do Espírito Santo Maciel, Basílio Resk, Frei Edson Frade (Fradão), José Roberto Carneiro, Walmir da Silva Gomes. Pe.Getúlio Vieira.



Correspondências Recebidas

*Fazer vínculos é viajar no tempo
Em cada estação, um novo apito.*
ZEQUINHA (José Luiz Brant de Carvalho - 51/58)



- * Um homem severo. Um padre severo: eis Constantino Amstalden, o Monsenhor.
- Já era o reitor, quando em 1963, entrei para o Seminário. Eu tinha 13 anos.
- Não era fácil, não!
- O que mais fazia era colocar medo em todos nós. Prática constante. Talvez os meninos mais madurinhos compreendessem melhor tudo aquilo, e era nítido que, a partir daí, tornavam-se cada vez mais claras as suas intenções: queria que todos nós fôssemos *canonizados*.

Nada mais plausível que essa interpretação.

- Não há como me esquecer do sermão que nos deu quando retornamos de nossas férias, as primeiras. Lá na capela. Contou-nos que um de nossos colegas, durante aquele mês de julho, saiu por aí com seus amigos. Sofreram um acidente de carro - o garoto ainda estava hospitalizado. Ele ousou fazer a previsão de que isso iria acontecer conosco, certeza absoluta, caso não nos comportássemos direito e obedientes, caso não rezássemos o terço e que não fôssemos à missa todos os dias das férias. A comunhão. A confissão. O exame de consciência. Nossa ajuda ao pároco. Deus iria castigar todos nós! - isso me marcou demais. Quem poderia compreender aquilo? Talvez os alunos veteranos tivessem essa capacidade; eu não conseguia!

- Já em 1968, meu último ano de seminário, ele se mostrou menos rigoroso. Viajando para Helvetia em todos os fins de semana para visitar sua mãe, ele dispunha de seu quarto para que nós, alunos do último ano, pudéssemos desfrutar de tudo que lá havia, sobretudo dos maços de cigarro. Fumávamos *ad libitum*. O mesmo nos fazia Mons. Kulay: só que seu cigarro era o *Mistura Fina*, muito diferente do *Hollywood* do Sr. Reitor. Gastamos os dedos com tanto jogo de sinuca. Éramos Zezo, Ferreirão, Xixa, Piva, Fernando Berkholz, eu e o Heleno, experientes assaltantes da dispensa. Não sei porquê, mas o Negão já tinha ido embora. Farrista como sempre foi, ele nos fez muita falta! E ainda o Monsenhor nos tornou privilegiados, oferecendo-nos o uso daqueles quartos no corredor entre os dois dormitórios, verdadeiras suítes presidenciais. Tempos tão bons, que me deixaram muitas saudades. E o caro leitor já pode chorar...

- Aprendi a dirigir em seu Fusca. Como esquecer do episódio em que o Pe.Vieira, bagunceiro como ele só, propôs que fôssemos passear na cidade de S.Roque? E fui lá eu dirigindo aquela Kombi toda velha, *putrefacta est*. Demos uma voltinha pelo centro e em seguida retornamos. E o Monsenhor nos pegou em flagrante! Acho que por todo o tempo em que estive no Seminário, jamais havia sido tão severamente repreendido, inclusive o próprio Pe.Vieira - quase que lhe arranca as orelhas!

- Naquela época, energeticamente nos colocava frente a frente com Deus. Ao menor desvio, estaríamos todos ferrados.

- Apesar de tudo isso e de muitos outros pormenores, que para mim não é possível descrever aqui - daria um livro! -, tenho a certeza que ele nos educou, sim, com muita severidade, mas com a configuração de um ambiente de justa moral e ética: ele nos ensinou o que é o certo e o que é o errado, um dos fundamentos de nossa humanização. Com o tempo e muita inspiração divina, fomos lapidando essa estimulante experiência... Devo ainda dizer sobre o significado de seu trabalho junto a todos nós, que o faz se revelar um grande educador e uma pessoa muito importante no desenrolar de minha vida, a quem sou eternamente grato. **BERNARDO MENDES PIRES** (Pirão), 70, 63/69 - médico veterinário em São Paulo-SP



* Monsenhor Constantino Amstalden... sei que a gente morria de medo dele, mas não nos cansávamos de admirar a capacidade de administração de sua pessoa. Foi rígido sim, mas foi honesto. Deu-nos exemplos de seriedade com as coisas referentes à nossa vocação. Administrou muito bem os problemas todos, não deixando de ser amigo. Lembro de uma noite em que ele estava chamando um por um para conversar no pátio - a gente já congelava só de pensar. Mas ele, com palavras de amor e carinho, dizia a cada um de nós: "sabia que eu gosto muito de você? E que estou aqui só pra ajudar cada um de vocês?" - Era uma conversa de reforço mesmo, reforço de amizade. Pra gente notar que ali estava um ser humano espetacular. Um exemplo de vida para todos nós. Aconteceu uma vez de irmos todos à São Roque, no cinema. E ele se acidentou sozinho na estrada. Quando voltou, depois de socorrido (graças a Deus não foi grave), ele confessou pra nós que havia pedido à Nossa Senhora que se tivesse que acontecer alguma coisa ruim com algum seminarista, que acontecesse com ele. Como esquecer um gesto desses? Com certeza ele está numa das muitas moradas do Pai Eterno. **JOSÉ FRANCISCO GONZALES AGUILERA, 69, 63/66 - Professor de Inglês em Florianópolis-SC**



* No Reino da Santidade em que todos nós vivemos, Constantino - padre, monsenhor, Dom Constantino - é o Santo de minha veneração. Distante, como era dever de todo "Superior", e pleno de atenção às nossas - minhas - prendas desconhecidas. Lembro-me de um relato do Paulo Acácio. Já Reitor, ele convocou o Paulo a uma conversa "privada" e lhe perguntou sobre o namoro com uma de nossas serventes da lavanderia. Paulo respondeu: "Eu conheço essa moça, mas não tenho nenhuma amizade". E surge a resposta de quem é Santo: "Graças a Deus! Eu celebrei a missa de hoje em sua intenção para que Deus iluminasse seu caminho e me desse força para excluí-lo do seminário." Para mim, Constantino será eterno. **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA, 79, 55/59 - Sociólogo e Professor em Belo Horizonte-MG**



* Muito se pode falar do Pe. Constantino!
- Podemos, como fazemos usualmente, criticá-lo pela formação rígida que nos passou, por ser corinthiano, por ser fumante, mas uma coisa sempre me chamou a atenção: o modo piedoso com que celebrava a Missa, sobretudo no momento da consagração. Passava-me a impressão que naquele momento ele emprestava seu corpo a Deus, para que Ele (Deus) fizesse, procedesse ao milagre de transformar o pão em Corpo de Cristo e o vinho em Sangue. É o que tenho gravado em mim dessa figura tão polêmica: Constantino Amstalden. **LUIZ FURLANETTO, 86, 49/53 - Professor em Itu-SP**



* A última vez em que estive junto com o Pe. Constantino foi durante os anos '80. Viajávamos pelo interior de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns e eu, quando fizemos-lhe uma visita em São Carlos - já era bispo. Tivemos um bom almoço em sua companhia, e ele estava bem forte e disposto naquela ocasião.
- O primeiro encontro foi mesmo bem no comecinho, quando dei entrada no Ibaté, 1949, vindo do Seminário de Pirapora. Fui seu aluno em algumas matérias e nosso contato sempre foi muito bom; era o ministro disciplinário. Foi muito amigo meu e contribuiu bastante em minha formação. Após ordenar-me, retornei ao seminário e voltamos ao convívio, sempre harmonioso. Dele só tenho boas lembranças e sou testemunha do grande esforço e magnanimidade que, como reitor, ele consagrava na administração daquela casa. **LAERTE VIEIRA DA CUNHA, Con., 88, 49/52 - Sacerdote em São Paulo-SP**



* Creio que o fundamental para a compreensão do Mons. Constantino - aquilo que se faz presente na lembrança que dele alguém do Ibaté possa ter - era a sua posição de autoridade. Ele ocupava o cargo de reitor, magnífico, e sempre deixou essa marca bastante clara e patente, transferindo a todos a imagem do comandante. Havia também um incontestável lado seu que estabelecia fortes e necessários laços de amizade, notadamente junto aos alunos mais adiantados, os veteranos da Turma de São José.

- Entramos no Seminário ainda bem crianças. Minha turma, 1960, como todas as outras, viveu um *crescendo* de formação de amizades, de modo que, quando no colegial, nossa integração já se encontrava bastante adiantada e amadurecida; elos fortes; vivíamos tudo juntos, unidos. E é bem nesse momento que o Monsenhor passa a participar de modo mais intenso de nossas conexões, proximidade nas horas de recreio e de jogos - o Galo de Ouro! - num envolvimento amistoso que houve por bem quebrar um pouco aquela estampa da tamanha rigidez e o distanciamento de até então. Amigos. Tudo vira entretenimento e brincadeira; o futebol, por exemplo, ganha espaços em nossas conversas. Corinthiano fanático que era, compartilhava com frequência de nossas discussões e zombarias com muitas gargalhadas.

- Após o término do ginásio, fiquei apenas mais um ano. Muito duro foi ter que assistir à incessante diminuição dos amigos, dos companheiros do dia a dia: eles iam embora, simplesmente, sumiam de nossas vistas. Começamos com cinquenta e quatro no primeiro ano, e nossa classe no primeiro colegial estava com apenas treze; no segundo, apenas sete. Sentia muita falta deles todos e daquele convívio. Lembro-me até hoje com muito carinho de muitos deles. Habitam em meu coração.

- O Seminário em certo sentido se equipara a um quartel; seu sistema zela pela disciplina, pela rigidez. No começo a gente não entende muito bem: evidencia-se um princípio de hierarquia, que você não pode quebrar. E não adianta achar que esteja errada, quer dizer, você pode achar isso, mas não pode dizer; tem é mesmo que engolir o sargento. As lembranças ruins, a gente acaba deixando para trás ao evoluir, e as aulas, as matérias estudadas, as responsabilidades, os jogos, os estudos, os recreios, as atenções e cuidados que recebemos e as amizades, na contabilidade final, acabam sendo muito valorizadas, pois compensaram todo esforço e valeram muito a pena..., e, claro, aquelas rotinas litúrgicas muito interessantes, impagáveis. No final de tudo, as lembranças são muito boas.

VALTER CRUZ, 73, 60/64, Engenheiro Civil em São Paulo-SP

* Meu mais profundo respeito ao Pe Constantino. Só boas recordações de sua pessoa como padre e como gente. Sua bênção caro mestre! - **LUIZ DE GONZAGA GIANNINI, 84, 50/56 - Advogado em S.Paulo-SP**

* Lembranças e saudades. Muito importante na vida e formação de nossa adolescência e juventude! - **PAULO SEBASTIÃO RIBEIRO, 84, 50/55 - Sociólogo e empresário em Arraial do Cabo-RJ**



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733

PARÓQUIA DAS TROVAS

Logo cedo até a noitinha,
num suplício de assédio,
ouve o velho a perguntinha:
- Já tomou o seu remédio?

Companheiro da comida,
numa rotina de tédio,
ao ancião, por sobrevida,
Resta um trem só de remédio,

Antônio Jurandyr Amadi (Kiro/Engenheiro) (51/57)

Há remédio para tudo,
nesta vida atribulada;
será que existe, contudo,
algum para fazer nada?

Remédio para o Corona
é que pra longe se vá,
e não volte de carona,
com outra droga de lá.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

O remédio para os males
que afligem a Humanidade
é pensar o quanto vales,
amado por Deus, de verdade!

Esta tal da cloroquina
remédio ocasional
traz embutida a propina
efeito colateral!

Alfredo Barbieri (49/53)

Lá fora, o velho é atrevido?
E em casa é bruto, colérico?
Remédio? Troque o marido
Por um amante genérico.

“Remédio tem eficácia.”
Já Hipócrates dizia.
Mas não faça da farmácia
A razão da hipocondria.

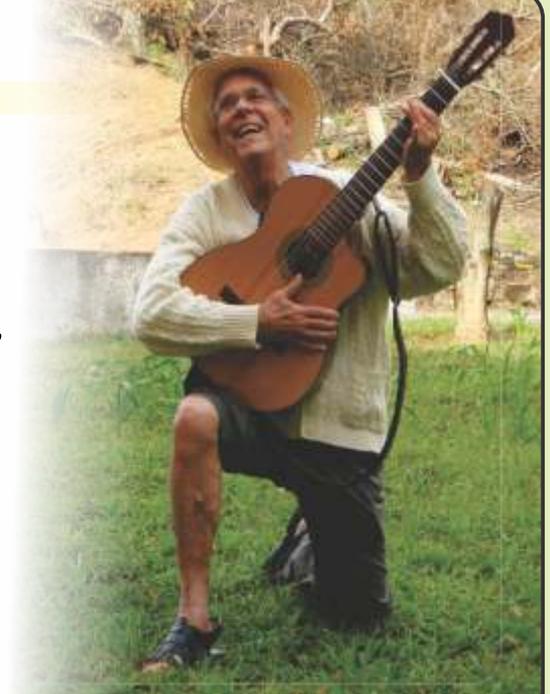
Jaime Pina da Silveira
Ex-aluno do Colégio São José
Pouso Alegre, MG - Padres Pavonianos

Se é de amor tua ferida,
não busques remédio, – cala!
– o tempo, aliado à vida,
lentamente há de curá-la...

Este torpor, esse tédio,
a tristeza que me invade.
Essa mágoa sem remédio,
será cansaço ou saudade...

Luís Otávio, o príncipe dos trovadores
"Magnífico Trovador"
Convidado Especial
Coadjutor da Paróquia

Rodolpho Abbud
Convidado Especial
Coadjutor na Paróquia



Envie-nos você também a sua trova



OS CEM ANOS DE UM SOLDADO

Paulo Francisco C. A. Toschi*



Muitas pessoas exerceram influência em minha já não tão curta vida. Várias deixaram lembranças indeléveis. Claro está que meus familiares ocuparam papel preponderante. Mas, além deles, figuras marcantes enriqueceram esse meu álbum de seres significativos.

Venho, agora, falar de alguém que merece estar no topo dessa galeria. Falo de uma ilustre figura cujo lema era: **“SICUT MILES CHRISTI”**.



Sim. Ele nunca deixou de ser um soldado. Soldado de Cristo. Aprendeu esse ofício combativo no Quartel de Quitaúna, o mesmo em que eu depois estive, como recruta. Ali ele aprendeu a ser soldado. Mas, já tinha no sangue o DNA de Vercingetorix, o chefe gaulês que enfrentou os romanos, cinquenta anos antes de Cristo. E foi soldado pelo resto de sua vida. Porém, progrediu para ser Soldado de Cristo. **“MILES CHRISTI”**.

Estive sob seu comando de 1949 a 1953. O Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em São Roque, no Ibaté, começou a existir em 1949. Para lá eu fui, como seminarista menor. E, lá, no primeiro momento, fui recebido por ele, que assumira a responsabilidade de ser o Prefeito de Disciplina, escolhido a dedo pelo Cardeal Motta, para ser figura de destaque na formação dos candidatos ao sacerdócio.

Quem viveu no Ibaté, do Reitor aos alunos, há de confirmar uma frase que eu gosto de repetir: **“Sem ele, o Seminário de São Roque não teria sido o que foi”**.

Gosto de lembrar sua figura edificante, percorrendo solitário, nos primitivos tempos, o corredor do andar que dava para o pátio de nosso recreio, nos momentos em que a comunidade estava recolhida ao antigo salão de estudos, vizinho ao refeitório, solitário, longe de todos, menos de meus olhos observadores, mas reverentes, ele lendo o breviário ou dedilhando as contas do terço, piedoso, deixando ver o quão santo era, apesar do ar impetuoso e generalesco que assumia, quando comandava a tropa de levitas. E lembrar, também, das poucas ocasiões em que, logo cedinho, na capela, antes da missa, se encarregava de pregar a meditação, momento em que deixava escapar o quão **“sacerdos”** era e não **“miles”**. Mas, o momento edificante que mais me comovia dava-se aos sábados, à noitinha, na hora do **“Angelus”**, da **“Ave-Maria”**. Escolhia adrede um aluno, dos mais velhos, para subir ao seu quarto e (ouvíamos pelo alto-falante por ele instalado em sua janela) recitar uma prece, um poema ou texto reverente, saudando a Virgem Mãe, ao som de fundo de uma das **“ave-marias”** clássicas dirigidas à Mãe de Deus.

Foi durão? Foi. Extrapolou várias vezes os limites do rigor necessário? Sim. Mas, não é este aspecto que pretendo lembrar. Prefiro recordar aquele bispo de São Carlos que, certa vez, humildemente, compareceu a um dos Encontros de Ex-alunos do Seminário, lá no Ibaté, e de público, pediu o perdão de todos por exageros disciplinares outrora cometidos.

Quando eu resolvi deixar o Seminário, ele, contrariado, fez questão de não me convocar para uma despedida. Mandou outro padre me dizer que eu podia fazer a minha mala, para o motorista Luizão me conduzir à cidade, ao ponto de ônibus para São Paulo. Fiquei magoado, tanto que, quando ele, findo o Seminário, foi nomeado Vigário Auxiliar da Paróquia do Divino Espírito Santo, meu bairro, acabei não comparecendo para cumprimentá-lo. Porém, depois, ele soube, na grandeza de sua misericórdia sacerdotal, me demonstrar inesquecível e caridosa atenção, no dia em que meu pai, que era seu amigo, faleceu. Eu chorava copiosamente junto ao féretro do meu progenitor e, de repente, fui surpreendido por um carinhoso abraço de alguém que, vindo por trás de mim, sem que eu percebesse, me agarrou e me disse generosas e santas palavras de conforto: era Dom Constantino Amstalden, o Bispo de São Carlos, que agora, se vivo, teria completado 100 anos.

“ Sicut Miles Christi”

* **PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI**, 82 (49/53), advogado aposentado em S.Paulo-SP - autor do livro **“Palavra de Seminarista”** (<http://www.geocities.com/~ptoschi>) - paulofranciscotoschi@yahoo.com 11-99478.1215



Dependência de álcool e outras drogas?

Entre em contato com o **Roberto Oliveira da Silva** Psicólogo com vários cursos na área da Dependência Química.

Dá assistência aos familiares, amigos e para o usuário.

EVITE situações que façam aumentar o sofrimento para você e para as pessoas que você ama - faça a sua parte: procure ajuda.

O **Roberto** é do nosso time - **Turma do Ibaté (1970 - 1973)**

Ele convive com a complexa questão da Dependência Química há 8 anos. Seu trabalho é voluntário (gratuito) no Instituto Pinderê há 11 anos.

WhatsApp 11-95431-4413 - Tim | 11-98851-6786 - Claro | Instituto Pinderê - 11 5511-8153 (falar com a Bia)
e-mail: ccicm22@gmail.com

NÃO DEIXE O ECHUS MORRER!!!

É de conhecimento público que o Echus vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores o adoram e não perdem dele uma só leitura... queixam-se quando ele atrasa e gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal é fator de unidade da gloriosa *Turma do Ibaté*, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros.

Vive tu, Echus do Ibaté, para o consolo dos homens!
E como fazê-lo?

Não é nada difícil: valores pequenos, valores médios, valores altos. Faça doações! Sem elas, nada feito, e o Echus não sobreviverá. Seu diagnóstico atual é bastante sofrível, deveras. E o prognóstico, nem falar... pelo andar dessa carruagem, ele não conseguirá nem mesmo se aproximar do Sabóó, pois suas pernas estão muito fracas. A subida desse sagrado morro encontra-se quase rente ao universo das impossibilidades. E é sempre lá, do alto dessa montanha, que costumamos anunciar e convidar a todos para que participem de nossos também sagrados Encontros Bi-anuais, que, aliás já se aproximam... observe que em breve será iniciada a tradicional contagem regressiva. Será que conseguiremos??

Sim, continue com as doações, não pare, não! No entanto, temos uma sugestão, sobretudo para aqueles que sentem o desejo de colaborar, mas que tem dificuldade em colocar isso em ação: autorize seu banco, pessoalmente ou pela Internet, a realizar um débito automático de sua conta pessoal e creditar esse valor na conta do seu Echus do Ibaté. Faça com que isso ocorra mensalmente, em valor que lhe seja acessível. Decida o *quousque tandem* ou siga o exemplo de alguns colegas, aplicando por *sine die*. Dessa forma, seu desejo de contribuir será atendido, você não se sentirá em falta e esse instrumento poderá ressuscitar e continuar cumprindo sua função de alegrar todos nós. Experimente! Aceite nossas sugestões. Todos ficarão satisfeitos e não mais seremos afogados por esse sentimento de abandono e ameaças constantes de morte.

Eis nossos dados bancários:

- Banco Bradesco (237)
- Ag. 3191 - Conta corrente 14399-5
- Em nome de Carlos Domingues Cosso - CPF 024.626.218-49

Somos gratos



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

PHOTANTIQUA



AMIZADE ETERNA

- Férias em Itanhaém -

José Nelson (Freg. do Ó) - José Osório Pires D'Elboux (59-65) - Pe. Geraldo Alves (Freg. do Ó) - Nadir Fermino (60-65) - José Isaías Dantas (59-65) - Cláudio José Fondello (59-65) - Fernando Vieira Torcato (59-65) - Antonio Carlos Marques (60-65) - Viriato Antão Gonçalves Trancoso (60-65)

Acervo de Nadir Fermino





Congregação de dinossauros descolados

2015 - Duodécimo Encontro

Luiz Furlanetto (49-53) **Walmir da Silva Gomes** (49/52) **Luiz de Gonzaga Giannini** (50-56)
Joaquim Benedicto de Oliveira (50-56) **Joaquim Barbosa de Oliveira** (49-55) **Attílio Brunacci**
(49-55) **Asdrúbal Ângelo Baruffaldi** (49-53) **Sérgio Alexandre Fioravanti** (49-53)
Alfredo Barbieri (49-53)





OS DIAS NA SEQUÊNCIA DE TODOS OS DIAS

Valdevino Soares de Oliveira*



De repente dei-me conta de que amanhã também pode ser domingo, apesar de o calendário dizer que é segunda-feira. O que nos dá a distinção entre esses dois dias? No domingo não se trabalha fora, pode-se acordar bem mais tarde que de costume, come-se em qualquer horário, bastando apenas obedecer à solicitação do estômago. Pode-se buscar formas variadas de entretenimento, pode-se descansar durante o dia, pode-se ocupar o tempo como bem nos aprouver. A higiene pessoal recebe alvará para ações dependentes de livre arbítrio, e pode-se ir para a cama a qualquer hora da noite. Tudo isso, o feriado ou o domingo nos proporcionam. Já a segunda-feira comum, não. Ela tem



suas exigências, seus horários, seus compromissos, suas correrias. Tem o trabalho fora de casa, o trânsito e seu estresse natural, as loucuras da cidade, o mau humor dos chefes, o exibicionismo das modas, a competição no desempenho de funções e de tarefas, as refeições engolidas às pressas, os celulares e os computadores em sua fúria tresloucada, a necessidade de bater metas e de cumprir programas, o cansaço do trabalho árduo, e no fim do dia, de novo a irritação do trânsito e a volta para a casa. Ações que se repetem na terça, na quarta, na quinta, na sexta. Até que chega a trégua do sábado e que se estende para o domingo. Mas há um hiato em tudo isso e a vida se encontra num desvio, e, por isso, amanhã pode ser sim um domingo, e um domingo que vai se arrastar pela segunda, pela terça, pela quarta, pela quinta e pela sexta e se confundir com o sábado e se colidir de novo com outro domingo. A vida em suspensão. Com o agravante de que é um não-fazer-nada compulsório, sob pena de riscos que podem suspender de forma inexorável a rotina de todos os dias. Já não

é bom pensar, então, que amanhã possa ser um domingo. No fundo eu quero a segunda, depois a terça, depois a quarta, depois a quinta e depois a sexta, como eram antes, repletas de tudo e com muita soltura e com muita liberdade e, acima de tudo, sem riscos de violências e de virulências. Já começo a sentir saudade do cansaço, pois o excesso de descanso é o que está cansando todo mundo. Perdemos o espaço da rua, nosso principal elo entre a casa e o mundo. A rua está ali na nossa porta, continua a ser o que era, topograficamente, mas tornou-se um espaço interdito para nós. Por ela se vai ou se vem. São artérias, são veias por onde circula o sangue de nossa vida. Mas elas ficaram comprometidas, entupidas de passos e de pesos das pessoas e veículos. Sobrecarregadas. Foi preciso oxigená-las, aliviar os entupimentos, eliminar as isquemias. E aplicou-se, então, um cateterismo para as limpar e desobstruir. Vazias e leves, de forma sedutora, elas se insinuam ao nosso desejo e nos convidam para passeios, para percursos, para encontros, para escapadas. Tentações. Paradoxalmente, as ruas, que são espaços de vida e canais de comunicação, se transformaram em lugares de contaminação e de riscos. E as gentes se recolheram para preservação de um bem precioso. Lá fora ficou a ameaça. Por isso é que muitos dias, ainda, podem ser feriados ou domingos, até que se possa transitar em segurança pelas ruas e descortinar um novo mundo, como Noé e sua família, que descobriram a vida e o mundo após o dilúvio. Confinados por quarenta dias e quarenta noites, preservaram a vida, enquanto os que ficaram do lado de fora da arca foram arrastados pela violência das águas e sucumbiram à força das tempestades. Finda a quarentena, a vida voltará, com outras e novas exigências, mas dentro do compasso de domingos e outros dias da semana, na alternância de trabalho e descanso, na intermitência de espaços e de tempos. É preciso aguardar, ainda, o retorno da pomba, portadora do ramo de oliveira e que traz no bico o anúncio de terra firme e calma das intempéries. E depois a vida retornará ao leito das ruas. (12 de Abril de 2020 - Domingo de Páscoa).

VALDEVINO SOARES DE OLIVEIRA, 74, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Comunicação e Semiótica, autor de *Poesia e Pintura: um diálogo em três dimensões*, Ed.Unesp – 1999 e *Literatura esse cinema com cheiro*, Ed. Arte & Ciência – 2001, foi professor da PUC-SP Diretor da Uniban. valdevinooliv@hotmail.com



Cine Central

Joaquim Benedicto de Oliveira*



No Seminário Maior do Central do Ipiranga, nos idos de 60 do século passado, havia um Cine Clube do qual cheguei a ser Diretor, em substituição ao Arnaldo Lemos, logo depois de sua saída de lá. Como Diretor, cabia-me a função gloriosa de escolher o filme do mês a que todos os seminaristas assistiam. Em várias ocasiões, eu mesmo era o encarregado de alugar o filme. Cabia-me, por isso, a missão de me deslocar até a região conhecida como “O maior Polo Cinematográfico do País” ou, em outra visão, “A Boca do Lixo”. E não havia outro jeito: era lá que existiam as locadoras de filmes. Acostumei-me a me apresentar por lá com certo receio natural a quem estava embatinado e chamando a atenção. O que estaria um cara vestido de hábito preto, andando por aquelas bandas? E, de maneira especial, na famosa rua do Triunfo? E sem dizer que, numa dessas vezes que por lá estive, dei de cara com um conhecido padre de uma paróquia de bairro, no momento em que era recebido em uma daquelas famosas casas de “diversão”. Fiz de conta que não o vi, e fui adiante. Minha missão era outra: alugar o filme do mês para exibição no Central.

Imagine, então, um carinha vestindo batina, com aquele enorme rolo de lata onde estava o filme, um pouco pesado, no bonde de volta para o Ipiranga! Confesso que não sabia onde enfiar a cara..

Muitas vezes o Cine Clube exibia esse filme do mês no cinema da Paróquia de São José do Ipiranga, na rua Brigadeiro Galvão. Era quando acontecia a famosa *descida da urubuzada* - simplesmente a hora em que os seminaristas se deslocavam para lá (não confundir com a famosa torcida do Flamengo do Rio de Janeiro). Saindo da Nazaré, o grupo virava à direita na rua Moreira de Godoi, onde está o Instituto de Cegos Padre Chico, depois, à esquerda, na Bom Pastor, descendo então vários

quarteirões entre as ruas Almirante Lobo, Dom Lucas Obes, Cisplatina e virando, finalmente, para a Brigadeiro Jordão até igreja de São José. Era o dia da escuridão do Ipiranga, em movimento que chamava muito a atenção do bairro. Fazíamos questão de descer o mais rapidamente possível. Atração: *era muito padre para um bairro só!*

Destaco desse tempo - e aqui faço uma homenagem ao Attilio Bunacci, que gostava muito desse filme - um dos grandes espetáculos a que assistimos: *Diário de um Pároco de Aldeia*, do diretor francês Robert Bresson, baseado no livro do escritor Georges Bernanos, *Journal d’un Curé de Campagne*. Interessados na possível futura vida sacerdotal, esse filme nos trouxe sérias reflexões. Era uma das funções do Cine Clube: organizar discussões dos filmes vistos pela Comunidade do Central.

Disse Robert Bresson sobre essa sua realização cinematográfica: “Eu faço um filme como eu escreveria um poema; procuro o tom”. E qual seria o tom de um filme baseado em um diário escrito sem maiores pretensões? Na convicção de que escrever um fato é viver duas vezes e, assim como um poema, representa uma vivência real ou imaginada e que penetra no mundo da consciência. Para nós, naquele momento, era o testemunho de um padre de aldeia em situações de vida sacerdotal e que nos impressionava sobremaneira pelo testemunho sofrido de quem poderia ser nosso modelo.

E o que mais nos comoveu foram as dificuldades do padre de aldeia para se aproximar dos seus paroquianos. Para mim, em particular, ficou a impressão de



que a batina era uma veste que afastava, que exigia distância e, por isso, gerava solidão e angústia. Esse filme acabou marcando nosso grupo de cinéfilos pelo trabalho do artista, que soube captar a verdade da vida sacerdotal como quem vive, com Cristo, sempre no Jardim das Oliveiras. Foi um filme que mostrava o movimento da alma sacerdotal em direção à repetição dos fatos na Escritura e à depuração da vivência na sua recordação.

Não era sublime trazer um filme desses, retirado lá da Boca do Lixo?

* JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA, Quinzinho 82, 50/56, é doutor em literatura brasileira. Suas teses de mestrado e doutorado são: “A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo” e “O trabalhador como tema e personagem em romances brasileiros da década de 1930”. Aposentou-se pela PUC-SP como professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa 11 99339-3092 joka.oliveira@uol.com.br S.PAULOSP



José Lui*

CASO EDIFICANTE



DOIS VELHINHOS NO RESTAURANTE

Um casal de velhinhos ele com 94 anos e ela com 93, acordam no dia do seu 50º aniversário de matrimônio.

O esposo fala à esposa:

- Amor, por ser um dia muito especial, vou levar você para comer no melhor restaurante da cidade.

Vão ao restaurante e o garçom:

- O que desejam os senhores?

E o esposo responde:

- Uma bisteca para mim e uma sopinha para minha mulher.

O garçom os serve e eles começam a comer. Terminada a comida, o garçom pergunta:

- Desejam algo a mais?

E o esposo:

- Sim, agora, uma bisteca para minha mulher e uma sopinha para mim.

Então o garçom pergunta:

- Me desculpem, mas não teria sido melhor ter pedido logo duas sopinhas e duas bistecas?

E o esposo respondeu:

- Sim, sem dúvida, teria sido bem melhor. Acontece que, dentadura, temos somente uma!

(*) José Lui, 82 (49/56) filósofo, teólogo, pé-de-valsas, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.07.2020	
POSIÇÃO EM 31.05.2020	4.383,61
ENTRADAS	
Contribuições e doações	2.210,00
Juros	9,99
TOTAL ENTRADAS	2.219,99
SAÍDAS	
Diagramação Echus 167	810,00
Despesas Bancárias	83,85
TOTAL SAÍDAS	893,85
SALDO ATUAL 31.07.2020	5.709,75
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 31.05.2020 a 31.07.2020, dos seguintes colegas: Antonio José de Almeida, David de Moraes, Herminio Bernasconi, Holien Gonçalves Bezerra, José Ecio Pereira da Costa, José Fernandes da Silva, José Gonçalves da Silva Filho, Nadir Fermio, Roberto Lui, Rocco Antonio Evangelista, Vicente de Paulo Moraes e Vladimir Merlo Garcia. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/ Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores Deste Número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Claudio Giordano, Frei Betto, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Côn.Laerte Vieira da Cunha, Paulo Francisco Toschi e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO (237), Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antônio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail : echusdoibate@gmail.com
- "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: Links <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate>

Diagramação: Conexão Propaganda

